

ANTROPÓLOGOS NEERLANDESES E PORTUGUESES EM TERRAS DE TIMOR

MARIA JOHANNA SCHOUTEN

Universidade da Beira Interior
schouten@sapo.pt

RESUMO

A comunicação apresentada no colóquio visa a análise e contextualização da antropologia praticada em Timor no período 1860-1940, principalmente por neerlandeses.

Em 1859, a divisão da ilha entre portugueses e neerlandeses foi oficialmente estabelecida. Deste modo, os timorenses, conforme a sua zona de residência, foram sujeitos a influências divergentes, vindas de dois estados europeus que não se distinguiam apenas pelas suas línguas e culturas, mas também pelas suas políticas nas respetivas colónias.

A política de não interferência, então seguida pelos neerlandeses no seu território em Timor, significava, na prática, que a presença europeia era muito fraca. Apenas alguns funcionários e uns poucos militares se encontravam na cidade de Kupang, e o número de neerlandeses em Atapupu, na costa setentrional, era ainda mais diminuto.

Contrariamente à política praticada pelos neerlandeses, Portugal fez muito para impor a sua autoridade, inclusive grandes campanhas militares. Para este país, a sua presença em Timor tinha muito mais importância do que a modesta dimensão do território fazia adivinhar. A sua distância do resto do império colonial de Portugal contribuiu precisamente para seu valor simbólico. Enquanto território no arquipélago do sudeste asiático, onde os portugueses tinham sido os primeiros europeus a chegar e a explorar, representava ainda o glorioso período dos Descobrimentos.

Tanto no caso de Portugal como dos Países Baixos, eram poucos os antropólogos profissionais no tempo colonial. No entanto, menos invulgares foram os funcionários públicos e os missionários que produziram textos etnográficos. Alguns faziam investigações modestas sobre a população e os seus costumes, tendo em conta, em certos casos, teorias e correntes antropológicas. A pesquisa antropológica que se ia fazendo foi efetuada de diversas formas, baseadas em teorias *en vogue* nas academias das duas nações, mas também condicionada ou inspirada pelo enquadramento da própria investigação: os regimes coloniais.

Do lado neerlandês, um bom exemplo é J.G.F. Riedel, por volta de 1880 *Resident* (funcionário supremo) de *Timor en Onderhorigheden*, zona administrativa que abrangia Timor Ocidental, Flores e muitas outras ilhas nos arredores. Riedel fez uma grande e atribulada

expedição por zonas interiores de Timor, até então desconhecidas. Como em todas as regiões da Indonésia oriental onde exercia as suas funções administrativas, Riedel realizou pesquisas acerca da flora e da fauna, e também das características dos grupos humanos que encontrou. Para além disso, colecionou, para posterior investigação, não só exemplares de plantas e da cultura material, mas também cabeças humanas, obtidas através dos protagonistas do partido vencedor num conflito. As guerras, acompanhadas pelo ritual de “caça-de-cabeças”, eram endémicas em muitas regiões, e sabemos também que os portugueses em Timor (e ainda mais) tinham interesse por cabeças humanas. Da leitura dos escritos de Riedel, fica claro que este se orientou pela antropologia física e pelo evolucionismo no seu trabalho de classificação e análise de grupos humanos e suas culturas.

Embora a sua atividade de exploração se estendesse por um território mais vasto, Riedel pode ser comparado com outros personagens em Timor Português (como Afonso de Castro); as suas atividades assemelhavam-se ainda às campanhas de exploração organizadas pela Universidade de Coimbra, nos anos de 1870 e 1880. Adicionalmente, nesse período, muitos objetos dos reinos animal e vegetal e das culturas materiais foram levantados em Timor Ocidental e Oriental por cientistas que não eram nem holandeses, nem portugueses: Alfred Russel Wallace, Paul e Fritz Sarasin, C.E. Hellmayer, entre outros.

No princípio do século XX, o regime colonial neerlandês mudou de caráter, tornando-se mais interventivo e visando a imposição efetiva da sua autoridade nas zonas até então pouco afetadas pelo colonialismo. Entre essas regiões encontrava-se Timor Ocidental, cujos povos foram, nalguns casos, alvos de campanhas militares. Na segunda década aconteceu a chamada “pacificação”, tanto na parte portuguesa como na parte neerlandesa. Com esta aparente estabilidade, começou um novo período para as sociedades timorenses e para as antropologias a ser efetuadas.

O número de etnógrafos e antropólogos neerlandeses continuou a ser reduzido, formando um grupo diversificado. Antropólogos do outro lado da fronteira eram ainda mais raros. Havia poucos contactos entre os antropólogos portugueses e neerlandeses, apesar das semelhanças significativas entre os povos que estudavam. Esta situação alterou-se gradualmente, com menção especial para as trocas de ideias, acerca da antropologia física, entre o português Mendes Correia e o neerlandês Dionysius Nyëssen. É irónico que o antropólogo neerlandês Gregorius Vroklage – autor, antes da Segunda Guerra Mundial, de obras de grande relevância sobre Timor – tenha realizado as suas pesquisas, principalmente, a Leste de Timor ocidental, entre os Belu, grupo etnolinguístico que reside em várias zonas da ilha, inclusive em Timor Leste, onde é conhecido como os Tétum. As obras de Vroklage terão, por isso, grande

interesse para os habitantes dos dois territórios políticos da ilha de Timor. O mesmo sucede com trabalhos de outros antropólogos, que merecem maior divulgação.